

Capítulo I

Nuggets peludos de frango do mal

O alarme ecoou por minha cabeça latejante. A realidade se infiltrou em minha mente ainda adormecida e eu me sentei, segurando a cabeça entre as mãos. Pequenos jogadores de futebol chutavam meu cérebro por dentro. Droga, se era essa a sensação de ser uma vampira, eu não queria ter nada a ver com isso.

Desliguei o despertador com uma pancada e desabei de volta na cama. Roxie levantou a cabeça peluda, bocejou e se aproximou de mim, derrubando baba de cachorro na minha cara.

A porta se escancarou e eu soltei um grunhido. Roxie saltou para o chão, seus quase quarenta quilos me atropelando no processo.

— Cheyenne, está na hora de levantar. Como você está? — indagou minha mãe, a voz cheia de pena.

— Estou ótima, mamãe. O que posso dizer? Essa coisa de ser vampira é fantástica.

Eu teria revirado os olhos para aumentar o efeito da frase, mas não tinha energia suficiente para isso.

— É normal se sentir mal no dia seguinte. Seu corpo está tentando assimilar o avanço acelerado dos seus sentidos. — Mamãe sorria como se isso fosse um acontecimento corriqueiro.

— Hein?

— Você vai começar a ouvir coisas que nunca escutou antes, e de longe. Sua visão vai ser melhor do que qualquer humano já sonhou em possuir. Você será capaz de distinguir o cheiro de alguém a mais de um quilômetro de distância. Todos os seus sentidos se ampliarão. Infelizmente, leva certo tempo para se acostumar a essas coisas, por isso a dor de cabeça.

— Ótimo. Era tudo o que eu precisava. E justamente no dia da excursão para a caverna.

Mamãe apertou os lábios, parecendo se concentrar.

— Sob essas circunstâncias, eu permito que você fique em casa. Você provavelmente vai precisar de um tempo até que se acostume com tudo antes de voltar à escola. Mas que isso não vire um hábito! — Ela ergueu uma sobrancelha enfaticamente e me encarou. Aquele olhar de mãe,

sabe?

— Eu tenho que ir, vai valer boa parte da nota. Nem quero pensar no que teria de fazer para compensar se não participar hoje. — Suspirei e cobri minha cabeça.

— Se é assim, melhor sair logo da cama e acelerar. — Mamãe agarrou meu edredom e o puxou com força, me deixando exposta ao ar frio. Virando-se para sair, ela ainda falou por sobre o ombro: — Tenha um bom dia, querida. Conversamos mais tarde sobre as mudanças pelas quais seu corpo vai passar. Eu sei que é meio assustador.

— É, sim. — Eu me arrastei para fora da cama e, assim que pus os pés no chão, ocorreu-me um pensamento horrível. — Mamãe! Espere! Esqueci de perguntar uma coisa.

Ela voltou para o meu quarto.

— Sim?

— Ahn... Quando é que eu vou precisar de... sangue?

Deus, eu tinha mesmo perguntado aquilo? Digo, mas que coisa ridícula para se perguntar para a própria mãe. Era um pesadelo!

— Por enquanto, você ainda não vai precisar. Não se preocupe. Seu pai e eu vamos discutir os sintomas com você. Mas isso ainda vai demorar para acontecer com você. Vai levar algum tempo para seu corpo passar pela transformação e necessitar do suplemento. Mas acredite, seu corpo vai dar sinais quando o momento chegar. — Ela pousou as mãos em meus ombros e me olhou com toda a seriedade. — Quando acontecer, você precisa contar para mim ou para seu pai na mesma hora. Se esperar demais, você pode entrar na fissura por sangue. Digamos que isso não é bonito de se ver... e pode ser perigoso, tanto para você quanto para aqueles ao seu redor. Eu vou lhe mostrar onde mantemos nosso suprimento na volta do trabalho, para o caso de não estarmos em casa quando você precisar dele.

— Certo... eu acho.

Eu só rezava para que não acontecesse na frente de um monte de conhecidos.

— Cheyenne! Já estava mesmo na hora de você chegar — gritou Mandy, minha melhor amiga e, como eu, também ginasta.

— Olá. É, eu meio que me atrasei. Não queria acordar hoje de manhã. Era o eufemismo do ano.

— Estávamos prestes a entrar no ônibus. Você deu sorte de não termos partido sem você.

— Ah, sim... Que sortuda eu sou.

Se ela soubesse... Imaginei o que ela diria se eu lhe contasse que sou uma vampira de verdade. Mandy provavelmente teria um ataque. Mais cedo ou mais tarde, eu acabaria contando. Nós não escondemos nada uma da outra. Além disso, ela sempre parece adivinhar quando tem algo errado comigo.

— Venha! Vamos sentar lá no fundo. Podemos fazer caretas para quem estiver de costas para nós.

— Qual é a sua idade mesmo? — questionei.

— Ah, você sabe que também quer! — Ela subiu no ônibus, e eu fui logo atrás.

Levaríamos apenas uns vinte minutos, no máximo, para chegar à caverna. Eu sabia disso porque ela fica bem ao lado da nossa academia.

Eu já tinha estado na caverna tantas vezes na vida que provavelmente conseguia recitar o discurso do guia palavra por palavra. Estalactites se agarravam ao teto. Estalagmites podiam até alcançar o teto. E não vamos nos esquecer da pipoca da caverna, do gelo da caverna, das pedras soltas, dos corais da caverna, das cortinas da caverna — também conhecidas como “bacon da caverna” — e um ou outro morcego. É, eu já tinha visto e ouvido tudo aquilo. E veja só que sorte... iria poder ver e ouvir tudo de novo.

O estranho é que, mesmo sendo claustrofóbica, nunca tive problemas para entrar na caverna. Provavelmente porque ela era, em grande parte, aberta e arejada. A história podia ser bem diferente se eu tivesse de me espremer por uma daquelas fendas estreitas e escuros.

— Nossa, você parece muito animada com a visita, Cheyenne. — Mandy riu e fez a careta que sempre me arrancava um sorriso. — Não acha legal irmos para uma caverna no dia das bruxas?

Eu balancei a cabeça e revirei os olhos. Ela continuou fazendo a careta até que eu sorrisse de novo. Mandy então ficou séria.

— Certo, qual é o problema, azeda? E nem tente me dizer que não é nada.

— Eu tive uma manhã difícil e estou com dor de cabeça. Nada de mais.

Bem, a parte sobre a dor de cabeça era verdade. E eu tinha tido, mesmo, uma porcaria de manhã. O problema era o que eu não estava contando. Essa garota é um *pit bull* quando se trata de arrancar informações. Quando fareja sangue, ela agarra e não solta mais. Ah, droga, eu tinha que me lembrar de sangue...

Ela deu um meio-sorriso.

— Tudo bem. Alguma hora você vai despejar tudo.

— Não tem nada para ser despejado. — Aquilo soou tão estranho que nem eu mesma acreditei no que disse.

— Você trouxe a câmera nova? — ela quis saber.

Eu indiquei minha bolsa.

— Sim, bem aqui.

Antes da minha iniciação, papai e mamãe haviam me surpreendido com a câmera. Eu estava economizando durante meses para comprá-la, então fiquei muito feliz por recebê-la de presente. Era uma Canon pequena com uma tela grande, e tirava fotos realmente ótimas. A única pessoa que gosta de fotografar ainda mais do que eu é Mandy.

— Bom! — Ela esticou o pescoço e olhou pela janela. — Estamos quase lá.

Eu reclinei a cabeça no assento do ônibus.

— Mal posso esperar.

O ônibus entrou no estacionamento e eu me endireitei, olhando ao redor para saber quantos carros estavam por ali. Eu não estava com disposição para multidões. Descemos do ônibus e atravessamos a rampa de madeira que levava ao bloco de entrada.

Assim que entramos ali, um formigamento estranho começou na base da minha coluna e subiu, terminando em uma leve vibração permanente na minha nuca. Esquisito. Esfreguei o local com uma das mãos e olhei para a sala.

— Vamos dar uma olhada nas lembrancinhas.

Mandy agarrou meu braço e me arrastou até a seção principal das lembrancinhas, cheia de morcegos de borracha, capacetes de exploradores completos com luzes, brinquedos de plástico, lápis, joias e todo tipo de pedras preciosas.

Eu resmunguei baixinho. Ela podia ser uma palhaça às vezes, mas nunca era entediante, com certeza.

Rochas e pedras preciosas estavam organizadas em uma estrutura giratória com várias divisórias. Peguei um quartzo olho-de-tigre e girei-o em minha mão. A superfície fria e lisa era gostosa de segurar. Coloquei-o de volta na cesta e peguei um cristal rosa. Ele dava uma sensação áspera ao toque, mas era lindo. Talvez eu comprasse um na saída da excursão.

Mandy pegou um morcego de borracha e ficou brincando com ele, balançando-o pelo elástico que o segurava. Ela fez a criatura saltar junto do meu rosto, cantarolando sons pretensamente fantasmagóricos.

— Tire uma foto, Cheyenne! — Ela segurou o morcego perto do rosto e sorriu.

— Você tem sérios problemas — falei, mas tirei a foto.

Se ela soubesse como tinha chegado perto de descobrir meu segredo... De todas as bugigangas que ela podia ter pegado, escolhera logo o morcego. Irônico, não? Essa é a minha vida: uma ironia atrás da outra.

— É por isso que você me ama.

Mandy colocou o morcego de volta no lugar e pegou cada uma das outras quinquilharias, fazendo uma palhaçada a cada novo objeto. Experimentou um capacete verde e fez uma pose, esperando que eu tirasse outra foto.

— É, deve ser por isso.

Eu tive de rir: ela era pateta demais. E claro, eu tirei a foto. Certo, também tirei uma de mim mesma usando um capacete rosa. O que posso dizer? Algumas coisas são irresistíveis.

Fui até o outro lado do bloco, perto da entrada, com Mandy a me seguir de perto. Ali, várias máquinas para adivinhar o futuro ou dizer que tipo de amante você é, apenas apertando uma alavanca, estavam alinhadas às duas paredes mais próximas da porta.

— Legal! Adoro esses brinquedos. Quero fazer o teste do amor! Tem uma moeda de vinte e cinco centavos? — Mandy sorriu e estendeu a mão para mim.

Eu cacei em minha bolsa e tirei dali algumas moedas. Ela pegou duas e disparou para a máquina do teste do amor, perpendicular à entrada.

Eu escolhi um medidor de amor. Depositei uma moeda no lugar indicado e segurei a manivela com força. Luzes vermelhas dispararam, girando, acendendo cada nível.

Por favor, não pare no “nhé”.

Eu não sobreviveria a isso, especialmente porque Mandy tinha acabado de gritar que estava “ardendo”.

As luzes pararam de piscar e só uma permaneceu acesa: “inofensiva”. Ótimo, inofensiva. Exatamente o que eu sempre quis ser. Minhas mãos continuavam frias, era só isso. Sem aceitar o selo de “inofensiva”, inseri outra moeda.

Um cheiro de baunilha, ou talvez de amêndoas, atingiu minhas narinas. Parecia o cheiro da loção que Mandy ganhara de aniversário alguns meses antes. Mas eu não me lembrava de ter sentido aquele cheiro nela antes. E eu tinha vindo sentada ao lado dela no ônibus. Que esquisito... Então veio um toque suave de canela junto com as amêndoas, criando um aroma reconfortante.

Eu agarrei a manivela de novo e apertei. As luzes começaram a girar, meu olhar acompanhando o padrão hipnótico.

Um braço deslizou por mim, vindo de trás, e uma mão masculina e

quente envolveu a minha. Eu engoli um grito, e meu coração disparou. O ar estalou com a eletricidade. Eu teria arrancado minha mão daquele aperto, mas ele a mantinha refém. Pequenos choques percorriam meu corpo, e minha pele se aqueceu. Um hálito quente e úmido acariciou meu pescoço, onde meu cabelo havia se separado e vindo para a frente. Eu ofeguei, sentindo um calafrio subir pela espinha, meu corpo se arrepiando por inteiro.

As luzes pareceram crescer e ficar mais brilhantes, dançando no ritmo do meu coração, me hipnotizando. Eu nunca tinha sentido nada tão poderoso, tão íntimo. O cintilar parou, e a única luz a permanecer acesa anunciava de modo definitivo: “incontrolável”.

Insegura, sem saber o que fazer em seguida, lentamente olhei para trás. Meu estômago estava contraído, o coração aos saltos, acompanhando uma melodia desconhecida.

Lábios carnudos se abriram em um sorriso enquanto um desconhecido me fitava nos olhos, deixando-me muda e perplexa.

— Isso é o que eu chamo de química — ele disse.

Era o rapaz mais bonito que eu já tinha visto: moreno, alto, maravilhoso. Tinha olhos azul-claros penetrantes, convidativos e lindos. E eu fiquei ali, feito uma idiota, com baba escorrendo pelo queixo. Sim, era uma bela cena, cheia de classe.

Ele soltou minha mão e deu um passo para trás.

— Bem, foi bom conhecê-la, Fáisca.

Ele piscou e deu meia-volta, saindo tão repentinamente quanto havia surgido.

Quando meus sentidos retornaram, olhei ao redor em busca do sr. Bonitão. Eu tinha de mostrá-lo a Mandy. Ela nunca iria acreditar em mim.

Mandy agora estava de costas para mim, jogando com o leitor de mãos. Corri até onde ela se encontrava.

— Mandy! Ah, meu Deus, você não vai acreditar no que acabou de acontecer comigo!

— Deve ter sido bom, porque seu mau humor evaporou.

Ela ergueu uma sobrancelha, questionadora, e esperou pelas minhas informações.

— Eu estava ali no teste do amor, jogando, e...

— Saiu nível “nhé”, acertei?

— Você quer ou não saber o que aconteceu?

Eu pus a mão no quadril e a encarei. Ela fez um gesto, pedindo para eu prosseguir.